

Introdução

Existem memórias que se colam a nós como folhas molhadas de outono, há segredos dentro de nós a criar raízes, ramificações até ao coração. Existem gavetões, compartimentos, esconderijos com escadarias em direção ao nosso interior – estão carregados de informação do que foram, no passado, os nossos sonhos. Um dia abrimos uma gaveta ou decidimos abrir a mala que está no fundo do armário, começamos a puxar, a puxar, a puxar, a puxar...e eis que já não conseguimos escapar ao inevitável.

Lettre d'amour

Sento-me à janela, observo as árvores, abanam com o vento.

Quem me dera que fosses esse vento fresco e que percorresses o meu corpo cima a baixo. Sento-me à tua espera e tu nunca vens. O amor é um balão livre e às vezes vai à deriva à espera de nunca rebentar. A paixão é algo que te amarra e tem tentáculos que vão sorvendo a terra, criando raízes que sobem em sentido contrário, de baixo para cima até não conseguires respirar. Dá-se um sufoco, uma dor, mas uma dor boa, daquelas que queres repetir. Estou à espera mas parece que nada acontece só vento fresco e quente e não há notícias tuas. Estou à espera e só há vazio, abandono, pareço um tronco de árvore oco, nem sequer pequenos bichos aqui habitam. Comeram tudo, foram embora à procura de outro sabor parecido com este amor. Escrevo-te e parece que é para ninguém ou para alguém algures sem rosto. Escrevo tantas folhas e tantas páginas, palavras, depois rasgo-as e amachuco-as e depois volto a lê-las. Ficam mais bonitas amachucadas e usadas – dizem-nos que alguém as leu, muitas vezes. Tenho tantas palavras mas não tenho princípio nem fim, perco-me no labirinto à procura de um sentido. Já escrevi tantas vezes sobre o amor, amor, e já estou farta. Não tenho raízes com o amor. Mas tenho tanto amor para dar! Este amor agita-me, faz-me pensar que sou capaz de tudo, que amanhã há sol e que a vida é maravilhosa, que vai nascer uma planta na minha árvore. Guardei rascunhos de cartas que nunca te enviei, releio-os, mas há sempre qualquer coisa que faz com que voltem para onde vieram. Estão todos guardados em compartimentos – os maiores no coração, os médios no ouvido e os pequenos na boca.

Estou sentada e à espera. Sussurro o teu nome e ele volta como um boomerang. Apago algumas palavras mas elas escrevem-se sozinhas no papel. Tento apagar algumas recordações mas elas reaparecem devagarinho diante dos meus olhos.

Vais responder às minhas cartas? O outono está quase no fim.